

# DAS CARTAS À SALA DE AULA: ELÔ TORNA-SE PROFESSORA

## FROM LETTERS TO THE CLASSROOM: ELÔ BECOMES A TEACHER

*Nara Eunice Nörnberg<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho apresenta reflexões sobre as dimensões pedagógicas, políticas e epistemológicas que permeiam a formação de professores leigos através da análise da narrativa de Elô. Para a coleta e análise dos dados fiz uso da Rede de Significações, que propõe a integração dinâmica de elementos diversos, em uma perspectiva evolutiva e histórica. Os achados revelam a influência do capital social na escolha de quem pode vir a ser professor. E que narrar o que se faz com e pelo humano resgata a nossa própria humanidade, provocando-nos a pensar a educação a partir da experiência e do sentido que é constituidor e constituinte do estar/ser professor.

**Palavras-chave:** Formação de professores. História Oral. Rede de Significações.

**ABSTRACT:** This paper presents reflections on the pedagogical, political and epistemological dimensions that pervade the training of lay teachers through an analysis of Elô's narrative. To collect and analyze the data I use the Meaning Network, which proposes the dynamic integration of different elements in an evolutionary and historical perspective. The findings reveal the influence of social capital on the choice of who may become a teacher. And that narrating what we do with and for the human rescues our own humanity, provoking us to think about education based on the experience and meaning that is a constituent of being a teacher.

**Keywords:** Teacher training. Oral History. Meaning network.

### DAS CARTAS À SALA DE AULA: ELÔ TORNA-SE PROFESSORA

Este trabalho apresenta a narrativa de Elô, professora leiga, que exerceu a sua docência na educação rural do município de Canguçu/RS. Elô fez parte da minha infância, pois costumava cuidar de mim na ausência de meus pais. Certa feita não mais pode fazer isto, pois havia se tornado professora! Eu, embora muito criança reclamei: como assim? E depois de muito anos, já inserida no âmbito da pesquisa na linha de formação de professores e práticas pedagógicas resolvi saber mais sobre o fato de Elô ter se tornado professora.

Trabalhar com a história oral através das narrativas é sem dúvida mergulhar no mundo dos sentidos/significados de estar/ser gente, entrecruzando caminhos, provocando encontros e desencontros, mostrando as similaridades e as diferenças de estar/ser professor leigo, mestre, doutor ou pós-doutor.

No intuito de descrever a caminhada dessa professora, optei pela (re)constituição de sua trajetória pessoal e profissional para além dos espaços e dos muros da institucionalização, usando como instrumento de coleta e análise dos dados a Rede de Significações. A Rede de Significações – RedSig é uma proposta que integra de forma dinâmica elementos diversos, contemplando micro e macrodimensões em uma perspectiva evolutiva e histórica. Busca, assim, superar falsas polaridades entre biológico/natural e social, universalidade e singularidade, permanência e ruptura, emoção e cognição, corpo e mente, sujeito autônomo ou assujeitado, aceitando a contradição, o conflito e a oposição como inerentes ao processo de desenvolvimento humano.

Para Rossetti-Ferreira (2004), RedSig apresenta possibilidades de compreender a significação do desenvolvimento humano através do estudo das interações entre pessoas, uma vez que é a partir das relações dialógicas

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Coordenadora do Curso Pedagogia/PARFOR e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS. E-mail: nnornberg@unisinos.br.

que se produzem significados múltiplos e em dinâmico processo. Neste sentido, busco através da RedSig, vislumbrar a trama de significações do estar/ser professor leigo de Elô, uma vez que a Rede de Significações permite compreender os processos de formação construídos a partir de práticas sociais significativas para este sujeito.

Para compreender melhor como se dá esta coleta e análise, é mister descrever a composição da RedSig. Ela é dimensionada pelos seguintes fios: **o fio da pessoa/sujeito**: este se constitui e se define na relação com outro imerso em dado contexto. É nesse interjogo que se dá o processo de construção das identidades pessoais e grupais, ao longo da vida, abrindo e interditando papéis e lugares a serem ocupados (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004). **O fio do contexto**: a RedSig compreende o contexto não como pano de fundo, mas como meio que, segundo Wallon (1986), tem duas funções: *milieu* – que significa campo, aplicação de condutas; e *moyen* – condição de recurso, instrumento para o desenvolvimento; ou seja, o meio é constituído por pessoas/sujeitos, e pessoas/sujeitos constituem o meio – pessoas/sujeitos/contexto/pessoas/sujeitos, construindo-se e transformando-se dialeticamente. Por isso, considerar o meio é pensar nas pessoas/sujeitos respeitando a sua cultura, sua representação de mundo, suas possibilidades e seus limites, seus interesses, e o sentido/significado que dão às coisas e aos acontecimentos. **O fio da matriz sócio-histórica** é constituída pelos elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais. Sua materialidade se dá no aqui/agora, nas situações, nos contextos, no ir-vir do pessoal ao coletivo. Entende-se que aspectos da matriz sócio-histórica não existem fora das relações das pessoas. As pessoas é que vão perpetuar transmitir, modificar, reconstruir e criar ‘novas’ narrativas e condições existentes. (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p. 111). Diante dessa conjuntura, saliento que a matriz sócio-histórica não representa propriamente os contextos sociais, mas, sim, uma forma de interpretá-los segundo as dimensões que a compõem. A matriz sócio-histórica pode ser didaticamente concebida como composta por duas partes íntimas e dialeticamente inter-relacionadas que são: as condições socioeconômicas e políticas que representam as concretas condições de vida, e também revelam as pressões sociais às quais as pessoas estão ou são submetidas, e as práticas discursivas que de certa forma são as representações, cuja materialidade se dá na música, na palavra, no comportamento. Faz-se necessário considerar ainda o período histórico, os processos sociais, o contexto da pessoa/sujeito e as relações que estas estabelecem entre si e com os outros. Dentro dessa conjuntura, as práticas discursivas apre-

sentam diferentes pesos e hierarquias. **O fio do sentido/significado**: as palavras, o contar-se, indicam/denotam alguma coisa, mas também a conotam, isto é, referem-se ao sentido/significado das coisas ditas (CHAUI, 1997). Deste modo, o sentido/significado está sempre na relação com o mundo e com o outro. Essa relação é mediada pela linguagem comum entre eu e o outro, pelo caráter cultural, pela história de vida, e pela classe social desse outro que espelha minha condição de estar/ser no mundo.

Acredito que através desse pressuposto metodológico é possível (re)conhecer muitos dos diversos fios que tecem a imensa rede que constitui a trajetória do estar/ser professora de Elô, estabelecendo, assim, um diálogo entre a história de vida e a memória educativa dessa professora e o sentido/significado de estar/ser professora leiga na escola rural no interior do município de Canguçu/RS.

A entrevista com Elô foi muito marcante. Trouxe à tona questões que implicam a formação para além dos muros institucionais, e que me levam a pensar em outras possibilidades de formação.

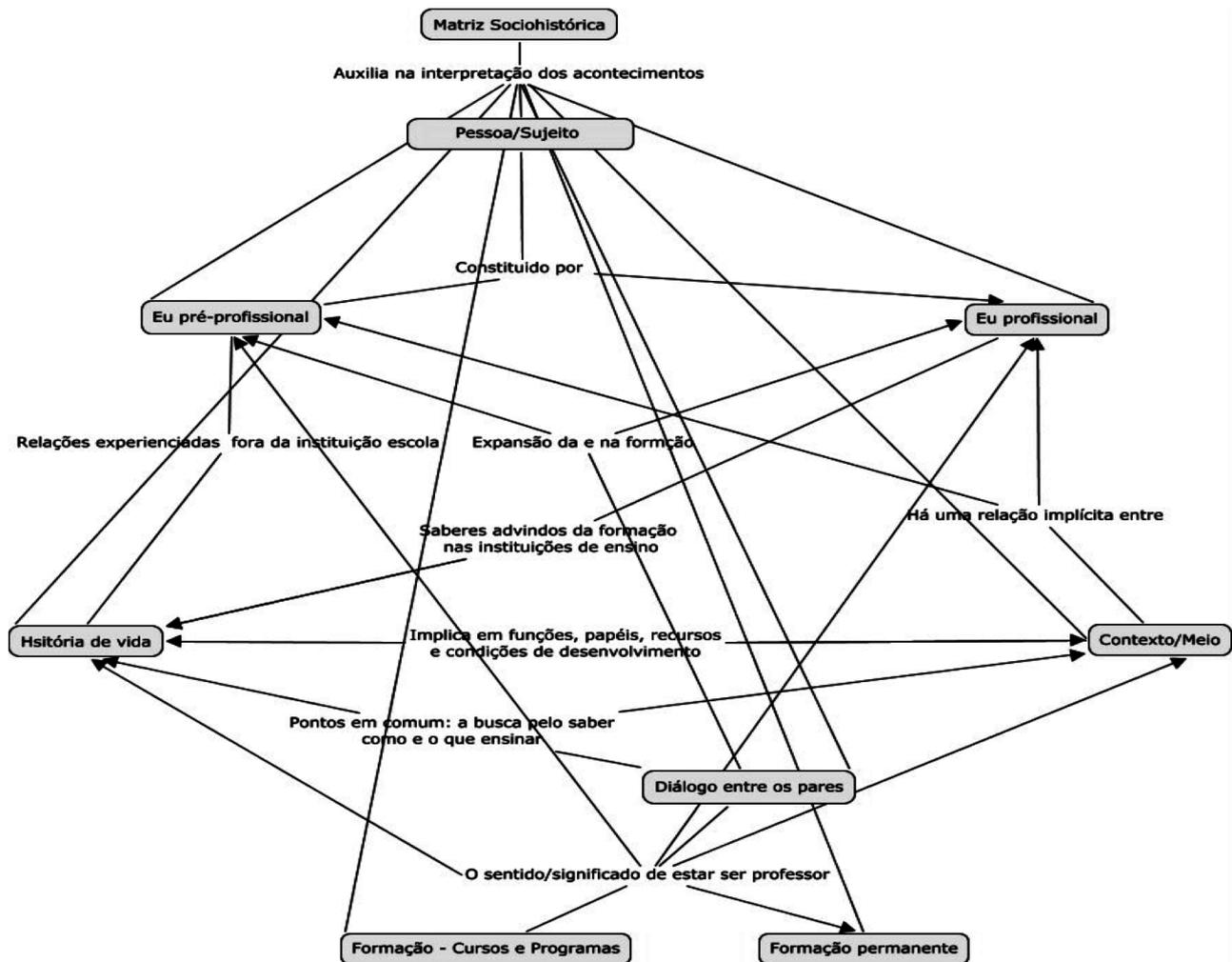
Na intenção de desvelar um pouco do muito que experimentei nessa imersão, aponto aqui alguns dos circunscritores que parecem circunscrever o processo de estar/ser professor. São eles: o Eu Pré-profissional, o Eu Profissional, a História de Vida, O Contexto/Meio, o Diálogo entre os Pares, e a Formação Permanente. Procurei, através destes circunscritores, aproximar-me mais dos pressupostos de análise propostos pela Rede de Significações.

Na rede, da página ao lado, busco apontar as implicações inerentes ao estabelecimento de relação entre os circunscritores representativos no e para o mapeamento da narrativa da professora Elô.

Para a RedSig, a matriz sócio-histórica contribui para circunscrever de modo mais flexível os processos de desenvolvimento das pessoas (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004). Ela não representa propriamente os contextos sociais, mas, sim, uma forma de interpretá-los. Seguindo a tessitura das possíveis relações, para fins deste estudo, entendo aqui que a pessoa/sujeito é constituída pelo eu pré-profissional e pelo eu profissional, os quais são compostos por:

[...] fontes diversas (formação inicial e contínua de professores, currículo e socialização, escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência na profissão, cultura pessoal e profissional, aprendizagem com os pares, etc.) [...] caracterizados por aquilo que se pode chamar de sincretismo [...]. A idéia base é que esses “saberes” (esq uemas, regras, hábitos, procedimentos, tipos, categorias etc.) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indiví-

Quadro 1: Primeira Navegação – Estabelecendo relações entre os Circunscritores



Fonte: Nörnberg (2008).

duos nos diversos mundos socializados (família, grupos, amigos, escolas etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social (TARDIF, 2002, p. 60-64 e 71).

Em outras palavras, o eu pré-profissional e o eu profissional estabelecem uma relação implícita com, pelo, e no contexto/meio em que se encontram inseridos. Esse contexto está implicado pelas funções, papéis, recursos e condições disponíveis para o desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, estes circunscritores estão intimamente relacionados com a história de vida, a qual traz em seu bojo a memória educativa, o vivido e o não vivido, e nesse sentido o entre/lugar, ou seja, a possibilidade de, ao se contar, re-significar a experiência.

Nesse sentido, “[...] o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto” (LARROSA, 2004, p. 123). Parece-me que a experiência agrega, em si e por si, o vivido e o não-vivido, possibilitando a legitimação do entre/lugar e sua

re-significação. A experiência é “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2004, p. 116). Em meio a essas relações, que ora se expandem e ora se retraem, tem-se ainda o diálogo entre os pares, que acontece no eu profissional, no contexto/meio, na formação – cursos e programas, na formação permanente, acontecendo também na e para a história de vida do sujeito, porque, de certa forma, algumas pessoas não nos passam, elas nos acontecem. Elô narra que as professoras formadoras: “[...] tinham muita vontade de ensinar alguma coisa, então elas traziam muita coisa boa pra gente, estas professoras”.

Cabe ressaltar que o fio que entremeia toda a tessitura da rede aqui exposta é o fio do sentido/significado de estar/ser professor, leigo, rural, em Canguçu. É sobre e na trama desse fio que penso ser possível configurar a



Esta rede revela como Elô foi se constituindo professora. Passo agora a desvelar um pouco as relações constituidoras e constituintes do estar/ser professora leiga, rural em Canguçu. Começando pela pessoa/sujeito – Eu pré-profissional, este fio revela que Elô tornou-se professora a pedido da comunidade. Ela diz que ficou bastante impactada com o convite e chegou, no primeiro momento, a dizer que não tinha condições de assumir tal função. Mas o responsável pela escola rural de sua comunidade disse-lhe que: “[...] claro que tu entendes! Sim! [...] A gente sabe que tu entendes!”. Isso porque Elô e sua mãe escreviam cartas e avisos para enviar à rádio local, auxiliando as pessoas analfabetas na comunicação. Elô estudou até a 3ª série do ensino fundamental, não pode continuar seus estudos por causa da frágil saúde de sua mãe. Entretanto, quando estudante, ela costumava, a pedido do professor, “tomar a lição dos menores”. Isto ocorre porque a escola onde Elô estudava tinha turmas multisseriadas. Apesar de lhe dar muito prazer, jamais pensou em ser professora. Mas a fama de escrever cartas para auxiliar as pessoas na comunicação fez com ela fosse “convocada” a ocupar este espaço.

Ao entrar na sala de aula pela primeira vez, Elô conta que não sabia o que fazer e foi perguntando para os alunos “o que eles sabiam, o que eles queriam” e assim foi planejando e organizando suas aulas. Como diz Freire (1987, p. 123), “Através do diálogo refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade”. Eis o inefável das narrativas, a capacidade de unir o passado ao presente, mediado por uma espécie de pedagogia da intuição.

Concomitante a isso, ela passou a participar de cursos e programas de formação – e aqui se tece mais um fio da pessoa/sujeito, o eu profissional. Elô, através desses cursos, dá continuidade aos seus estudos, concluindo assim o ensino fundamental sobre o qual ela destaca: “[...] aquele primeiro grau, ele já entrou com muita, muita matéria assim de magistério, então ele não foi um primeiro grau assim que tu fosses aprender coisa que não ia precisar, então ele puxou muito, em nível de magistério, e foi ali que eu consegui a estabilidade no serviço, com aquele curso”. Entretanto, para ela a maior dificuldade de sua inserção profissional foi a “[...] de trabalhar com uma série que eu não tinha estudado”. Ou seja, ela tinha apenas a 3ª série e estava lecionando para a 4ª série. Nesse sentido, ela narra a importância desse curso, uma vez que este procurava atender as necessidades do dia a dia do professor e não apenas os conteúdos do ensino fundamental.

Ao dialogarmos sobre as lembranças de sua escola básica, ela revela que “adorava estudar”. Diz ainda que:

A gente aprendeu muito, com um professor só, mas a gente aprendeu muito! Porque ele era um professor muito rígido, então ele exigia muito da gente. Não tinha essa de dizer, não eu não fiz tema, porque eu não tive tempo. Isto que a gente de manhã ia para escola, e à tarde eu ia para a lavoura. Ah, naquele tempo eu nem conhecia o jornal, mas o professor trazia um monte de jornal; olha aquela parte agora, dizia ele.

Esta fala mostra que as marcas deixadas pelo seu professor, ou seja, as atividades feitas em sala de aula parecem presentificar-se na prática docente de Elô. Ela afirma que “[...] hoje já se faz recorte de livro e estas coisa, naquele tempo, eu já procurava fazer isso aí [...]”. A esta afirmação subjaz o que diz Cunha (1989, p. 95) “Os professores tendem a repetir práticas de pessoas que admiram”.

No que se refere à razão pela qual Elô deu continuidade aos seus estudos, ela diz: “Eu cheguei a fazer dois meses. Mas, eu não consegui terminar porque era na época de férias; e era muito difícil. Eu saía segunda-feira de manhã e voltava só sábado de tarde, e já tinha família, meu filho era pequeno. Então ficar uma semana fora, olha chegava quinta e sexta tu não aguentavas!”. Outros fatores, além destes, também contribuíram para que ela parasse de estudar, dentre eles o custo de ficar hospedada uma semana na cidade, mostrando com isso o quanto a formação, independente de ser no meio rural ou no urbano, era sem dúvida um ato de hercúlea vontade.

Nada muito aquém do que se tem hoje nos bancos universitários, ou seja, alunos trabalhadores que chegam à sala de aula cansados. Mesmo com a democratização e a expansão do ensino universitário, ainda assim, a formação continua sendo um investimento pessoal e econômico de alto impacto na vida dos sujeitos.

Seguindo a tessitura da rede, prossigo com o fio contexto/meio, desvendando um pouco das tramas até aqui expostas. O município de Canguçu agrega, ainda hoje, o maior número de minifúndios do Brasil, aproximadamente 11.418 (onze mil quatrocentos e dezoito) propriedades cadastradas. A família de Elô faz parte desse contingente. Eles foram plantadores de fumo, e seu marido e seus filhos continuam cultivando fumo. No distrito em que ela reside, a predominância étnica é de pomeranos. Estes eram originários da Pomerânia, região situada ao norte da Polônia e da Alemanha, na costa sul do Mar Báltico. O fato de ser pomerana, de certa forma, legitimou o seu trabalho junto à comunidade. Isso se evidencia quando ela diz:

Ah! mas aí, agora sim, a gente tem, a gente tem, a pessoa que vai dar certo isto, porque aqui não dava certo, nenhum professor [...]. Porque a maioria, vinha de Canguçu. Aí, vinha um dia por semana, depois ficava a escola fechada. A outra, porque não sabi-

am falar o alemão [...] e não se entendia com as crianças. [...] porque tu tinhas que falar em alemão, para depois alfabetizar. Ensinar, mostrar as coisas, olha aqui, isso aqui é um garfo, e eles repetiam várias vezes que aquilo era um garfo. Eles não sabiam isto direito.

Para além disso, o contexto/meio entrecruzado com a pessoa/sujeito – eu pré-profissional e eu profissional, revela suas tramas na expansão de estar/ser professora leiga, rural em Canguçu. Elô diz que:

[...] um aluno meu estava na 2ª série, ele criou uma historinha sobre um cachorro, que nem num livro didático tu não encontravas. Então o que ele faz, o que ele gosta mais, ele vai falar do gato, do cavalo, das coisas que conhece, e aquilo ali ele tem vontade de ler, porque ele está entendendo o que ele está lendo e no livro didático muitas vezes ele não entende, o que está ali.

Para Freire: “[...] temos que aprender a atrair os estudantes e ajudá-los cada vez mais a captar o significado das conceitualizações acadêmicas. Se empobrecermos nossa própria fala ou limitamos a ser uma cópia da deles tornamo-nos simplistas em vez de nos tornarmos realmente simples” (FREIRE; SHOR, 1987, p. 183). Freire diz ainda que é preciso tratar o conceito com seriedade e com profundidade, “[...] mas de forma suficientemente fácil para que seja aprendido pelos outros cuja experiência intelectual é diferente da nossa” (FREIRE; SHOR, 1987, p. 183).

Em meio a isso, tem-se o diálogo entre os pares. Este, no âmbito rural, se dá de forma bastante peculiar, ou seja, um professor leigo com mais experiência vai iniciando o outro na prática docente, isso quando existe um par para dialogar, pois a maioria das escolas são multisseriadas, ou seja, unidocentes, que é o caso da Elô.

Para Elô, o diálogo entre os pares irá acontecer com a supervisão. Tal fato se explicita quando ela diz: “Então nem firmeza eu tinha, se eu estava fazendo a coisa certa ou errada, dali a 14 dias a supervisão veio para a sala de aula, porque o meu contrato era de 30 dias só! Era de experiência! Aí, quando elas vieram, eu criei mais coragem ainda, porque elas acharam muito bom o serviço que eu estava fazendo”. A este respeito Tardif (2002, p. 244) diz: “Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes”.

Freire (1998, p. 50-51) diz que o ato de criar coragem está implícito à formação docente: “O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser supera-

da, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando coragem”. Outro momento de diálogo ocorre nos cursos/programas de formação; nesta feita o diálogo se dá com o professor formador, “[...] elas tinham muita vontade de ensinar alguma coisa, então elas traziam muita coisa boa pra gente estas professoras”. Conforme Freire (1998, p. 25) “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Destaco ainda na narrativa de Elô a seguinte afirmação: “acharam muito bom o serviço”. Isto me remete à possibilidade de Elô ver o magistério como uma profissão, uma prestação de serviço.

[...] se é verdade que a experiência do trabalho docente exige um domínio cognitivo e instrumental da função, ela também exige uma socialização na profissão e uma vivência profissional [...] onde entram em jogo elementos emocionais, relacionais e simbólicos que permitem que um indivíduo se considere e viva como um professor e assuma, assim, subjetivamente e objetivamente, o fato de fazer carreira no magistério (TARDIF, 2002, p. 08).

Esses encontros parecem ter provocado em Elô um estilo de estar/ser professora, como forma de procurar superar as necessidades. Ela diz:

Mas, cada dia tu precisavas inventar alguma coisa, coisa que era teu mesmo, muitas vezes até tinham que te fazer criança, brincar como criança [...] no 4º ano [...] tinha gente com 14 anos e tinham os outros que estavam com 7, então tu tinhas que ser uma pessoa verdadeiramente artista em sala de aula.

Para Tardif e Lessard (2005, p. 174-175),

[...] o trabalho docente tem um viés artesanal [...], os professores não se contentam em entrar em seu local de trabalho como se fosse um ambiente pronto e definido em si mesmo, eles constroem, preparam e organizam uma porção importante de seus instrumentos de trabalho. Mesmo quando os docentes utilizam instrumentos já elaborados por outros – manuais, programas, material didático, etc. – eles retribuem, os interpretam, modificam a fim de adaptá-los aos contextos concretos e variáveis da ação cotidiana e às suas preferências.

Moita (apud NÓVOA, 1992, p. 114) reforça essa ideia, ao dizer: “O educador é o principal utensílio do seu trabalho e que é o agente principal da sua formação”. As rupturas, as transformações, os sentidos significados só se realizaram à medida que os atores tornam-se sensíveis a estes processos.

Este inventar reinventar me soa como um maravilhoso e vívido inacabamento, no qual eu só sou porque estou sendo (FREIRE, 1998). Nas palavras do próprio autor: “A consciência do mundo e a consciência de si como

ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (FREIRE, 1998, p. 64). É esta consciência da inconclusão que gera a educabilidade de homens e mulheres. Este movimento de busca é inerente a todo o ser que se sabe inconcluso, como também é inerente ao processo de formação docente, e à própria construção da docência. Ele diz ainda que “[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo as razões de ser, porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica”. (FREIRE, 1998, p. 64).

A narrativa de Elô traz à baila sua presença no e com o mundo, delineando e tramando trama, o fio do sentido/significado. Este se entrelaça a todos os outros fios até aqui tramados, configurado pela e na singularidade/pluralidade que é estar/ser gente. Elô, em sua fala, mostra um pouco disso.

A gente faz porque gosta, e gosta também com quem tu fazes, e se não existir isso aí também não tem como ser professor! Ah! professor pra mim é ser tudo um pouco, não é só aquele que chega na sala de aula e quer dar ordem, aquele que sente que ele sabe tudo, e eu acho assim, que um professor, ele tem que ser de tudo um pouco, ele tem que ser amigo, tem que, por exemplo, saber se entrosar com aquela turma que vai trabalhar, ter bastante amizade, transmitir bastante confiança para eles, eles tem que confiar bastante na pessoa. [...] se não tem vontade de ser professor de verdade, então é melhor nem entrar nesta profissão.

O que Elô coloca se aproxima do que Freire afirma ao dialogar sobre a educação como intervenção no mundo e com o mundo. O autor diz:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura [...]. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou classes sociais. [...] Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste (FREIRE, 1998, p. 115-116).

E, na transpiração da curiosidade epistemológica, fico a sopesar sobre a narrativa de Elô e sua congruência com aquilo que vivencio enquanto professora/pesquisa-

dora narradora de mim mesma, entre os muitos eus que me habitam. O que dá em mim, e nos professores como Elô? Que tipo de entidade se apossa de nós quando estamos em uma sala de aula? Que poder tem esse espaço que nos faz, de certa forma, esquecer as agruras do dia, as cobranças institucionais, as pressões sociais, trabalhistas, o desemprego, a competição no sentido capitalista?

O que será que nos dá, que bole nosso peito, e nos faz entrar na sala com vontade nietzscheana, esparramando nosso ser. Feito estar doente de uma certa folia. E naquele sóbrio e não sóbrio momento, junto aos nossos alunos, buscamos maneiras de estar sendo professores, comungando as riquezas de nossas diferenças.

Foi um pouco disso e daquele outro que procurei fazer ao trazer para este artigo a narrativa de Elô. Uma espécie de análise sobre o que nos acontece como professores, propondo, assim, pensar a educação a partir da experiência e do sentido que é constituidor e constituinte do estar/ser professor com compromisso e afeto.

## REFERÊNCIAS

- CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – o cotidiano do professor**. Traduzido por Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; RIOLFI, Maria de Fátima (Orgs.). **Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 113-132
- NÖRNBERG, Nara. **Aprendiz de professor de borboletas no espaço/tempo da memória – (re)conhecendo trajetórias de docentes na educação rural**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) UNISINOS, São Leopoldo, 2008.
- NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria C. et al. **Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2005.
- WALLON, Henri. **Henri Wallon: psicologia**. São Paulo: Ática, 1986.